

SINAIS DE VIDA / 1984

(Breve sumário de uma "Vida e Obra de Jorge de Sena")

um filme de **Luís Filipe Rocha**

Realização e Argumento: Luís Filipe Rocha / **Textos:** Jorge de Sena – Poesia: "Em Creta com o Minotauro" (dito pelo autor); "As Mãos Dadas"; "Ordenações - IV"; "Sete Sonetos da Visão Perpétua - VI"; "Denúncia"; "Conheço o Sal..."; "Quem a tem...", Ficção – Fragmentos de: "A Noite Que Fora de Natal"; "Homenagem ao Papagaio Verde"; "A Grã-Canária"; "O Físico Prodigioso", Teatro – Fragmento de "O Indesejado". Os textos lidos por Mécia de Sena são de sua autoria / **Assistente de Realização:** Miguel Cardoso / **Fotografia:** João Abel Aboim (Portugal) e José Luís Carvalhosa (U.S.A.) / **Director de Som:** Carlos Alberto Lopes / **Cenografia:** Carlos Travassos / **Música:** Música original de Enrique X. Macías Alonso interpretada por Jorge Peixinho (piano), Clotilde Rosa (harpa), Luísa Vasconcelos (violoncelo), António Oliveira e Silva (viola) e "La Cathédrale Engloutie" de Claude Debussy / **Intérpretes:** Luís Miguel Cintra, Clara Joana, Costa Ferreira, Lucinda Loureiro, José Wallenstein, São José Lapa, Pedro Wilson, Tiago de Castro Henriques e Mécia de Sena / **Figurantes:** Marina Bairrão, Teresa Crawford, Carlos Manuel, Celestino Maria, Francisco Rebocho, Abel Alexandre.

Produção: Henrique Espírito Santo / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, dcp, cor, 76 minutos / **Ante-estreia:** Fundação Calouste Gulbenkian, a 13 de Abril de 1984 / **Inédito comercialmente.**

Sinais de Vida é apresentado com **Impressões da Figueira da Foz** de Manuel Toledo (folha distribuída em separado)

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

Sessão com apresentação

"LA CATHÉDRALE ENGLOUTIE", de Debussy

Creio que nunca perdoarei o que me fez esta música.
Eu nada sabia de poesia, de literatura, e o piano
Era, para mim, sem distinção entre a "Viúva Alegre" e Mozart,
o grande futuro paralelo a tudo o que eu seria
para satisfação dos meus parentes todos. Mesmo a Música,
eles achavam-na demais, imprópria de um rapaz
que era pretendido igual a todos eles: alto ou baixo funcionário público,
civil ou militar. Eu lia muito, é certo. Lera
o Ponson du Terrail, o Campos Júnior, o Verne e o Salgari,
e o Eça e o Pascoaes. E lera também
nuns caderninhos que me eram permitidos porque aperfeiçoavam o francês,
e a Livraria Larousse editava para crianças mais novas do que eu era,
a história da catedral de Ys submersa nas águas.

Um dia, no rádio Pilot da minha Avó, ouvi
uma série de acordes aquáticos, que os pedais faziam pensativos,
mas cujas dissonâncias eram a imagem tremulante
daquelas fendas tênues que na vida,
na minha e na dos outros, ou havia ou faltavam.

Foi como se as águas se me abrissem para ouvir os sinos,
os cânticos, e o eco das abóbadas, e ver as altas torres
sobre que as ondas glaucas se espumavam tranquilas.
Nas naves povoadas de limos e de anémonas, vi que perpassavam
almas penadas como as do Marão e que eu temia
em todos os estalidos e cantos escuros da casa.

Ante um caderno, tentei dizer tudo isso. Mas
só a música que comprei e estudei ao piano mo ensinou,
mas sem palavras. Escrevi. Como o vaso da China,
pomposo e com dragões em relevo, que havia na sala,
e que uma criada ao espanejar partiu,
e dele saíram lixo e papéis velhos lá caídos,
as fissuras da vida abriram-se-me para sempre,
ainda que o sentido de muitas eu só entendesse mais tarde.

Submersa catedral inacessível! Como perdoarei
aquele momento em que do rádio vieste,
solene e vaga e grave, de sob as águas que
marinhas me seriam meu destino perdido?
É desta imprecisão que eu tenho ódio:
nunca mais pude ser eu mesmo - esse homem parvo
que, nascido do jovem tiranizado e triste,
viveria tranquilamente arreliado, até à morte.
Passei a ser esta soma teimosa do que não; existe:
exigência, anseio, dúvida, e gosto
de impor aos outros a visão profunda,
não a visão que eles fingem,
mas a visão que recusam:
esse lixo do mundo e papeis velhos
que sai dum jarrão exótico que a criada partiu,
como a catedral se irisa em acordes que ficam
na memória das coisas como um livro infantil
de lendas de outras terras que não são a minha.

Os acordes perpassam cristalinos sob um fundo surdo
que docemente ecoa. Música literata e fascinante,
nojenta do que por ela em mim se fez poesia,
esta desgraça impotente de actuar no mundo,
e que só sabe negar-se e constranger-se a ser
o que luta no vácuo de si mesmo e dos outros.

Ó catedral de sons e de água! Ó música
sombria e luminosa. Ó vácuo solidão
tranquila! Ó agonia doce e calculada!
Ah como havia em ti, tão só prelúdio,
tamanho alvorecer, por sob ou sobre as águas,
de negros sóis e brancos céus nocturnos?
Eu hei-de perdoar-te? Eu hei-de ouvir-te ainda?
Mais uma vez eu te ouço, ou tu, perdão, me escutas?

31 de Dezembro de 1964
Jorge de Sena in "Arte da Música"

É num perfeito círculo que Luís Filipe Rocha encerra os sinais da "vida pelo mundo em pedaços repartida" de Jorge de Sena. Na casa do poeta, em Santa Barbara, Califórnia, o último lugar do exílio seniano, começa e acaba o filme, em ambos os casos sendo a imagem envolvida pelos "acordes aquáticos" da "Cathédrale Engloutie" de Debussy, sob cuja impressão Sena primeiro escreveu versos, como ele mesmo sublinha na nota que incluiu no final de "Arte de Música", a propósito do poema em epígrafe. São "sinais" discretos como estes que, em meu entender, mais nos aproximam, em **Sinais de Vida**, do universo do poeta e da sua grandeza.

Será útil, julgo, antes de avançar outro tipo de apreciações, referir alguns aspectos da génese do filme que esta tarde vamos ver. O projecto, concebeu-o o cineasta em vida de Jorge de Sena e para em vida dele ser realizado. Mas sabe-se como é Portugal e quantas dificuldades pesam sobre os sinuosos mecanismos da obtenção de financiamento. Nem com este parco reconhecimento para a sua grandeza a pátria o contemplou: um filme que fosse sobre a sua vida e obra. Também em cinema Jorge de Sena não chegaria a ver em vida um reconhecimento que, academicamente, sempre raivosamente lhe foi negado e que, enquanto poeta, sendo que o não podiam negar por a evidência do seu génio só ter, em Portugal e neste século, paralelo em Pessoa, tantas vezes, mesmo assim, se procurou por ínvios caminhos silenciar.

O não ter sido feito em sua vida um filme que ele desejava e que um cineasta concebera para ser feito com ele, só pode ser uma última amarga ironia do destino.

Depois da morte do autor de **Sinais de Fogo** - e é de uma magoada beleza a voz de Mécia de Sena ("Chamo-me Mécia de Sena. Sou ou fui a mulher de Jorge de Sena") quando evoca contidamente a data e as circunstâncias de passamento do escritor - Luís Filipe Rocha teria de fazer um filme em que, narrativa e esteticamente, a ausência da figura do poeta subterraneamente se impusesse - sendo que inequivocamente ela é simbolizada pelo lugar vazio no cadeirão, ao lado de Mécia de Sena.

Quando se diz que Luís Filipe Rocha teria de fazer um filme dominado pela ausência física do poeta, está a forçar-se a nota interpretativa, mas não se quer, nem se poderia, ir adiante sem acrescentar que circunstâncias muito concretas forçaram essa opção do cineasta, fundando-se elas no de os organismos oficiais não terem nunca encomendado e a televisão (por ser sua vocação e por razões até de simples actualidade e por possuir os meios) não ter feito (ou conservado) reportagens, entrevistas ou outro tipo de imagens de Jorge de Sena. Também essa e outras limitações de meios pesaram sobre Luís Filipe Rocha, acabando por se inscrever visivelmente em **Sinais de Vida**. Em tudo isto, que Jorge de Sena já não viu, há algo que, tivesse-o ele visto e, por certo, saberia reconhecer como a baça estupidez humana que em Portugal tanto lhe negou que o fez, como se lê no poema "Em Creta, com o Minotauro", coleccionar nacionalidades como camisas que se despem.

Nestas condições **Sinais de Vida** não é, nem poderia ser, o correlato fílmico da obra que em ficção ou em poesia Jorge de Sena assinou, nem sequer pode conter a desmedida grandeza do humanismo radical que Jorge de Sena pessoalmente encarnou. **Sinais de Vida** parece -me muito com a "fenda ténue" de que se fala no poema acima transcrito. Na sua vontade de testemunho e na sua tentativa de recriação dos textos senianos. **Sinais de Vida** talvez seja a "fenda ténue" que ajuda alguns a verem as águas abrir-se "para ouvir os sinos / os cânticos, e o eco das abóbadas, e ver as altas torres / sobre que as ondas glaucas se espumavam tranquilas."

E de águas, dessas águas "em que de praias se entrelaça o mar", se faz **Sinais de Vida**.

Manuel S. Fonseca